

MULHERES SUL-RIO-GRANDENSES: A VOZ POR TRÁS DO GAUCHESCO

REGINA ZILBERMAN (PUCRS)

Aqui, a rio-grandense é sedutora,
Atrai, cativa com suave enleio;
Em seus olhos a chama é tentadora,
Tem per'las divinais no belo seio.

O' Província do Sul! se a natureza
Mulheres tão formosas concedeu-te,
Para as lutas da vida a fortaleza,
A bravura e o valor nos homens deu-te!

Bernardo Taveira Junior¹

Em 1898, Alcides Maya, então jornalista jovem e lutador, publica o livro *O Rio Grande independente*, em que combate as teses de Adolfo Caminha sobre as diferenças regionais brasileiras. Alcides Maya defende ardorosamente a qualidade e a profusão da literatura e da cultura originadas no Estado, em oposição ao cearense, para quem o Sul só tinha legado militares, nunca pensadores ou artistas.

Acompanha o livro de Maya um prefácio de Apolinário Porto Alegre, na ocasião um dos mais importantes intelectuais sul-rio-grandenses. Em atividade desde os anos 60, quando da fundação da Sociedade Partenon Literário, órgão que congregou escritores, artistas, professores, com o objetivo de difundir textos e idéias do grupo, Apolinário constituiu, nesse final de século, figura veneranda, cuja palavra representa o aval da tradição e transfere confiança

e respeitabilidade ao beneficiário de seu apoio. No prefácio, Apolinário sustenta a posição de Alcides Maya, ao fazer um breve histórico da cultura local das últimas décadas:

Foi desmentido cabal a asserção de que o clima do sul só pode produzir manifestações marciais, asserção subscrita por Adolfo Caminha e refutada por Alcides Maya, de fato e na teoria.

A ignorância de nossa história arrastou o autor da NORMALISTA a semelhante proposição.

Sempre em armas, tendo pouco mais de um século de existência, o Rio Grande não fruiu dos lazeres que trazem em larga escala a espontânea produção literária, científica e artística.

Não obstante, em todos os ramos da atividade humana, apareceram sempre vocações decididas, talentos privilegiados.

Se não tiveram desenvolvimento definitivo e luxuriosa maturidade, a causa deve-se procurá-la no meio social agitado e revolto pelas conflagrações belicosas que, em compensação, imprimiram-nos ao caráter este cunho de virilidade e força que, em vão, procurar-se-ia em outra parte do país.

E para prová-lo basta lembrar que, em organizações femininas consagradas à cultura da arte, temos tido maior soma que qualquer dos outros Estados.

Como representantes do período clássico, entre outras nomearemos: Eurídice Barandas e Delfina, a Cega, que publicaram livros; do período romântico: Rita Barém, Amália Figueiroa, Julieta de Melo, Cândida Fortes, e nos últimos tempos Ana Aurora do Amaral Lisboa, que ocupa lugar proeminente no magistério, na poesia e na arte dramática.

Não devo olvidar nesta enumeração o nome de Luciana de Abreu, que, além de ser uma das mais distintas professoras da capital, na tribuna das conferências colheu copiosa messe de amarantos para a coroa de sua imortalidade.²

Reconhece-se, na declaração de Apolinário, a recusa do ideário positivista e do determinismo vigentes no Brasil da época e de que Adolfo Caminha era um dos representantes mais audazes. Por sua vez, ao rejeitar a teoria do clima e recorrer à história para explicar características da cultura

rio-grandense, Apolinário desenha um perfil para o habitante do Sul em que se destacam traços guerreiros, temperamento forte, qualidades viris — definindo, pois, o Estado como uma potência eminentemente masculina.

Quando deseja assinalar a fertilidade cultural da região, Apolinário invoca as mulheres, chamando a atenção para o fato de o Estado, comparado aos demais do Brasil, apresentar "maior soma" de escritoras, artistas e intelectuais. Apolinário não deixa de ver a cultura desde o ângulo feminino, como parte do universo das mulheres; por outro lado, por elas operarem nesse campo, e não apenas no âmbito doméstico, o Rio Grande do Sul, ainda que registre uma história marcada por conflitos e guerras, mostra-se zona culturalmente rica.

A afirmação pode surpreender, se lembrarmos, primeiramente, que os cronistas e viajantes que conheceram a Província impressionaram-se com a situação social e cultural das mulheres, presas ao lar, devido ao ciúme dos maridos, mal formadas e carentes de instrução.

Saint-Hilaire, que visitou a região antes da independência, constatou que

No interior, como já repeti uma centena de vezes, as mulheres se escondem e não passam de primeiras escravas da casa; os homens não têm a mínima idéia dos prazeres que se podem usufruir decentemente.³

Em todas as partes do Brasil, por mim percorridas até aqui, não existem escolas nem colégios para as meninas, criadas no meio de escravos e tendo sob suas vistas, desde a mais tenra idade, o exemplo de todos os vícios deles, adquirindo ao mesmo tempo o hábito do orgulho e da baixeza. Há uma grande quantidade que não aprendem a ler e escrever. Apenas lhes ensinam algumas costuras e recitar cousas que não entendem. (...)

Todavia nesta região, onde as mulheres se escondem menos que as das Capitânis do interior, elas têm, há convir, vistas mais largas. São menos acanhadas, conversam um pouco mais, porém ainda estão a uma infinita distância da mulher européia.⁴

Arsène Isabelle percorreu a Província alguns anos depois, mas as impressões coincidiram:

O caráter desconfiado e excessivamente ciumento dos brasileiros contribui para o isolamento ao qual suas mulheres parecem estar condenadas **ainda por algum tempo.**⁵

As primeiras escolas estabelecem-se neste período, entre os anos 20 e 30, sendo que, até então, as queixas eram muitas, registrando a má condição do ensino e do magistério na região. João Pinto da Silva anota que, "ainda em 1820 não funcionava regularmente em todo o território rio-grandense uma única escola pública de primeiras letras, por falta de professores para reger as aulas decretadas, tão mesquinhos eram os vencimentos que se lhes marcara."⁶

Em 1824, Gonçalves Chaves denuncia o baixo nível de escolarização dos habitantes da Província:

Não nos consta que haja mais de três homens formados naturais dessa Província e quatro meninos em Coimbra. Esta falta de gosto pelas ciências não se pode ter contudo como inaptidão para ela nos naturais, mas antes são dotados de grande engenho. Muitas causas poderemos descobrir a esta falta de homens de letras e as principais nos parecem ser:

1º) A falta de escolas até de primeiras letras. Quem diria que em toda esta Província até 1820 havia uma única escola de Latim, a de Porto Alegre, e que não havia uma escola de primeiras letras paga pelo Estado em toda a província! (...) E as aulas de primeiras letras que se mandavam criar nas freguesias ninguém as tem querido, porque o honorário é o só de 100\$000 e com menos de 400\$000 não se pode achar um mestre.⁷

Na década de 30, a situação não melhorara;⁸ e nos anos 70, membros da Sociedade Partenon Literário participam das campanhas a favor da instrução pública e da escolarização das mulheres, imprescindível à formação da população e à consolidação da sociedade local:

E, senhores, se há uma causa verdadeiramente grande, fim digno de nossa dedicação, princípio credor do nosso entusiasmo, é a difusão do ensino pela ignorância do povo, a abertura de escolas, de bibliotecas, de preleções por todos os recantos ainda os mais obscuros da sociedade; se há objeto nobre para a associação das forças de todos é esse, é o da guerra de morte, guerra sem tréguas à ignorância, que pesa sobre o peito do nosso país, como essa montanha da legenda sobre o gigante abatido.⁹

A mulher, que é o ornamento e o encanto da humanidade, e, em cuja feitura, empregou Deus todos os primores de seu engenho; a mulher, que tem uma grande força para vencer todas as resistências - o amor; ela, que guarda no coração tesouros de benevolência e caridade; a mulher, que se avanta ao homem no sacrifício pela felicidade alheia, deve concorrer também com o seu contingente para a grande revolução que se inicia no país em prol da educação popular.¹⁰

A afirmação de Apolinário Porto Alegre pode surpreender também por um outro aspecto. Não se constata o caráter guerreiro da vida sulina tão-somente por meio do exame da história e eventos marcantes do passado da região; as manifestações literárias, estimuladas sobretudo por agremiações como o citado Partenon Literário e levadas à emulação dos modelos românticos, primaram pelo emprego, na condição de protagonista e herói, do vaqueano ou do gaúcho, tipo másculo, nômade, apto a qualquer ação bélica, enfim, viril e desligado da família, indiferente a valores e a atividades em que a mulher pudesse tomar parte, razão da exclusão dessa do universo de representação na ficção e na poesia locais.

A opção por esse padrão de personagem aparece, desde o final dos anos 60, nas declarações de críticos e intelectuais com participação ativa na imprensa local. Glodomiro Paredes, em 1869, estabelece os princípios para a definição da "poesia rio-grandense", resultante da descrição da "vida do gaúcho, o ser nacional por excelência" e dos "costumes tão patriarcais e rudes, quão lhanos e francos."¹¹ Bernardo Taveira Junior determina, programaticamente, os assuntos e os motivos a serem desenvolvidos pelos escritores sulinos:

Em nossas lendas, em nossas tradições, em nossos costumes, no valor de nossos bravos, encontrareis uma fonte inexaurível para o romance, para o drama, para a história, para a epopéia.¹²

Apolinário, contudo, tem razão: desde os anos 30, mulheres publicavam seus poemas e escritos na imprensa local e do Rio de Janeiro, o movimento intensificando-se a partir dos anos 50, até atingir a soma que espanta o crítico e lhe dá um argumento forte para contestar Adolfo Caminha e apoiar o discípulo Alcides Maya. Paradoxalmente, todavia, essa vertente de escritoras mulheres constituir-se-ia um trajeto paralelo dentro do roteiro da literatura do Rio Grande do Sul, reconhecido por Apolinário Porto Alegre, mas raramente alçado à situação de rivalizar com os confrades associados mais de perto ao Regionalismo e aos modelos dominantes na ficção e poesia do Estado.

Parece competir a Delfina Benigna da Cunha o papel pioneiro desse percurso. Papel duplo, a rigor: seu livro de poemas, lançado no Rio de Janeiro em 1834, inaugura a literatura feita por escritores nascidos no Rio Grande do Sul, não apenas a literatura produzida por mulheres. D. Delfina, porém, residia no Rio de Janeiro e, durante a Revolução Farroupilha, movimento de desagravo ao governo regencial situado na capital do país, tomou o partido contrário ao dos gaúchos que peleavam contra o Império.

Talvez Ana Eurídice Eufrosina de Barandas traduza melhor a vertente feminina da literatura sul-rio-grandense, por ter se associado mais intensamente à cultura local. Nascida em Porto Alegre, em 08 de setembro de 1806, morou a maior parte de sua vida no Rio Grande do Sul, onde casou, em 1822, e divorciou-se, em 1843. Seu único livro, **O ramallete ou Flores escolhidas no jardim da imaginação**, data de 1845, tendo sido editado, em Porto Alegre, pela Tipografia de Isidoro José Lopes. Desconhecem-se a data e o local de sua morte.

Fato marcante de sua trajetória foi o referido divórcio, que deixou a escritora vivendo só em Porto Alegre, já

que o ex-marido, português, voltou ao Rio de Janeiro, cidade onde residira por certo tempo com a esposa. Digna de referência é também sua amizade com Nísia Floresta, que morreu em Porto Alegre entre 1833 e 1837, período durante o qual traduziu, do francês, o livro de Miss Godwin, **Direito das mulheres e injustiça dos homens**, editado também na capital da Província, segundo Abellaird Barreto, "no tempo que a tradutora (...) era professora no RGS."¹³

O **Ramalhete** é uma obra composta de textos de natureza diversa: abre com o conto "Eugênia ou A filósofa apaixonada", história de um amor desenganado, na melhor tradição folhetinesca, a que se seguem poemas, sobretudo sonetos, uma crônica de memórias, em que recorda o sítio natal, um diálogo e uma alegoria. Predominam, como se vê, gêneros próprios ao Neoclassicismo, endossando a periodização de Apolinário Porto Alegre e sugerindo a ainda não penetração do Romantismo na região, estética em fase de afirmação no centro do País, graças à ação do Grupo Niterói e à publicação, no início dos anos 40, dos **Primeiros Cantos**, de Gonçalves Dias.

A maior parte dos versos trata da descoberta do amor e suas conseqüências, e os textos se caracterizam pelo uso da primeira pessoa, esse sujeito sendo uma mulher apaixonada que fala do amor e de suas emoções. Os modelos escolhidos acompanham o padrão clássico, já sugerido pela adoção do soneto; o vocabulário é ornado e erudito, constam as habituais referências à mitologia, as personagens escondem-se por trás de nomes arcádicos. Surpreende, todavia, o envolvimento do sujeito poético, a amante que revela seus sentimentos e o fogo que a abrasa:

Quem não ama, mortais, quem não conhece
A parte mais suave da existência,
Não sabe avaliar do gozo a essência,
E essa chama feliz que a vida aquece.

Eis o belo Jacínio... Ele merece
De um terno coração a preferência;
Em êxtases d'amor (muda eloquência!)
Anália junto dele o mundo esquece!

Dos lábios seus dimana o fogo ardente,
Que transmite à minha alma de improviso,
Apenas seu contato nos meus sente:

Ei-lo que já me abraça!... Eu perco o siso!
A saudade fatal me turva a mente...
Ah! vem Jacínio, restitue-me o riso!¹⁴

A imagem do fogo, escolhida para representar o amor na forma do desejo, retorna em outros poemas:

Magnético poder a ti me prende;
É só fria amizade? Não; eu minto;
Tanto fogo amizade não acende.

Que descubro! Oh céus! Belo Felinto!
Que repentina luz me aclara e fende!
É amor... é amor que por ti sinto!¹⁵

Marcante é, como se disse, o emprego da primeira pessoa; sob este aspecto, Ana Euridice Eufrosina de Barandas desmente o cânone clássico, deixando vaziar uma sensualidade que não conhece limites para o desejo e a realização amorosa:

Ah! vem! não tardes mais um só instante!
Sinto esvair-se a vida entre tormentos!
Falaz desconfiança assoma, aterra
A mente já cansada!

Vem! Socorre a minha alma espavorida!
Jura-me pelo céu amor eterno,
Presta luz à razão, e o doce encanto
Difunde de teus lábios!

Verás Corina em possuir-te ufana,
Delirante do amor, nadando em gozo,
Preferindo-te à terra, ao céu, a tudo,
Té mesmo o próprio Jove!¹⁶

Os poemas parecem configurar uma personalidade forte e dominadora. Esse temperamento se confirma no desenho das protagonistas dos textos em prosa: "Eugênia ou A filósofa apaixonada" conta a história da paixão de Eugênia por Doli-val, rapaz aparentemente endinheirado que solicita à amada ser liberado do compromisso com ela, para poder casar com Melinda, jovem rica, cujo dinheiro pode sanar as dívidas contraídas pelo pai do noivo.

Eugênia aceita, embora a decisão a faça adoecer; e, vendo o rapaz fraquejar quando se aproxima a ocasião do ca-

samento de conveniência, empurra-o na direção do matrimônio indesejado, mas necessário para salvar as finanças de Leandro, pai do jovem. Dolival se compreende um novo **Adolphe**, como o do livro de Benjamin Constant. Mas o final parece shakespeariano: inconformado com o fato de Eugênia ter aceito a separação, Dolival enlouquece e ocasiona a morte da moça e a sua própria.

Compondo o texto com prováveis resíduos de leituras, Ana Eurídice escreve uma história mal construída, cujas partes são desproporcionais — há longos e descabelados discursos pronunciados pelas personagens — e inverossímeis, ainda que obedientes ao modelo narrativo que as inspira: o folhetim. Cria, porém, uma personagem que se considera filósofa, comparando-se a Demócrito em certa passagem,¹⁷ e tem suficiente independência, para poder decidir seu destino e o de Dolival, tal qual as mulheres que enunciam com suficiente clareza, nos poemas citados, a paixão que as consome.

Igualmente segura e auto-suficiente é a Mariana dos "Diálogos", texto em que a personagem advoga o posicionamento político das mulheres e sua insubmissão aos valores e à vida doméstica. Os interlocutores são três: Mariana, seu pai, Humberto, e o primo Alfredo, que abre a conversa, criticando a protagonista por ser "partidista" e "disserter em política". É apoiado pelo tio, que espera que a mulher "cuide de suas costuras e no arranjo da casa", pois "para isso só foi feita".¹⁸ Alfredo complementa, afirmando que a mulher não deve se intrometer em política, porque, enquanto que os homens podem fazer algo pela Pátria, a ação feminina não tem qualquer finalidade.

O motivo da discussão é a guerra farroupilha, levando Mariana a ter opiniões políticas e os interlocutores a rejeitarem sua interferência. Mariana condena a atitude dos revolucionários, cujos chefes assumem posições patrióticas, para encobrir "seus malignos projetos",¹⁹ conforme as palavras dela. Alfredo tenta defender os líderes, afirmando que os homens "estão sujeitos a errar". Mariana, contudo, retruca, com ironia ferina:

- Não, os homens nunca erram: isso neles tudo é virtude. Eles tiveram o cuidado de fazer o seu Código bem ao seu paladar.²⁰

A observação deixa indignado Humberto, que até então apenas ouvia a troca de palavras. Sua reação, nos seguintes termos:

- Aqui está quando me falta a paciência! Rapariga, fala nos teus bordados, rendas, costuras, e não te importes com essas coisas. Não vês como menoscabam as mulheres que querem parecer doutoras?²¹

não emudece a filha, que responde:

- Assim é, meu pai, pois eu li não sei que autor que diz - **Os homens são injustos, a presença de uma mulher sábia ofende excessivamente o seu orgulho** - e seguia-se - **Têm compaixão de sua fraqueza e obra de sorte que, à força de modéstia, perdoem a tua ciência.** - Que refinado egoísmo! Contudo, eu desejava sempre demonstrar a Alfredo que nós mulheres não somos tão dignas de censura como ele acaba de dizer, em seguirmos este ou aquele partido; e que, assim como nos homens há motivos para adotar o que melhor lhes parece, também em nós há razões bastantes que nos obrigam a fazer outro tanto.²²

Mariana acaba convencendo o pai e o primo, que se rendem a seus argumentos. Os últimos pontos discutidos dizem respeito à suposta inferioridade feminina; Mariana procura demonstrar a igualdade entre os sexos, apesar dos esforços masculinos em diminuir e dominar as mulheres:

- Criando-nos Deus destinadas só a gozarmos, achou que era supérfluo em nós aquela força física que prodigalizou ao homem e a uma boa parte dos brutos; porém, como da mesma flor que a abelha colhe o mel, tira o áspide o veneno, assim esse mesmo homem prevaleceu-se da nossa fraqueza para sobre ela edificar o seu intruso domínio. Enfim, eu não pretendia levar a questão a tão longe; a minha tenção era só mostrar-vos que o belo sexo não era tão digno das vossas censuras, e nem tão ridículo como dizeis, em mostrar-se interessado por qualquer partido. E demais, Srs., prescindindo das razões já expostas, concluo; - Tendo nós os mesmos atributos, os mesmos sentidos (sim, não

podais negar-nos o tato, olfato, vista, etc.), e igualmente uma alma espiritual, uma voz, por que autoridade haveis de pensar, amar, aborrecer, desejar, temer e seguir a vossa vontade como bem vos parece, e não haveis de querer que nós outras façamos uso desse admirável presente que recebemos de mão do Criador?! Não: também temos um alvedrio, bem apezar (sic!) vosso, pois que tendes querido fazer mais que o Onipotente... Sujeitá-lo ao vosso poder e às vossas fantasias! Porém, a vossa mesma injustiça nos sugere armas para combater-vos. Insensatos! Em vão forcejais fascinar-nos: é o poder do mais forte, mas nunca levareis a palma de dominar as ações e movimentos interiores da nossa alma. Ela é independente de vosso orgulhoso império. Vingai-vos em ridicular-nos, em menoscar-nos, quando vos dá na vista o livre exercício de nossa liberdade. Melhor fora que disistísseis dessa pretensão para não dardes a conhecer vossa impotência, e não terdes tantas ocasiões de experimentar esta verdade.²³

Os argumentos de Mariana acabam por submeter os ouvintes masculinos, e Alfredo, reconhecendo a verve da prima, comenta que "o mesmo Cícero não advogaria melhor a causa de vosso sexo."²⁴ A comparação ressalta o papel assumido pela moça que, como o orador romano, exalta-se e impõe o ponto de vista considerado verdadeiro.

O processo repercute sobre a construção da personagem: é a personalidade forte da jovem que efetivamente comprova as teses a demonstrar. Sua inteligência se sobrepõe à dos homens, e sua revolta, refletida na exaltação com que expõe os argumentos, mostra ser impossível tentar submeter as mulheres, apesar de os homens disporem de maior poder na sociedade.

As atitudes expressas na poesia e na ficção — iniciativa, criatividade, manifestação liberada do desejo e da sensualidade — convertem-se, nos "Diálogos", em características do comportamento feminino: sinais de inteligência, força e rebeldia. Essas, por seu turno, justificam aquelas, porque, se as mulheres não fossem tão capazes quanto os homens, não poderiam agir como agem as personagens e o sujeito poético criados por Ana Euridice Eufrosina de Barandas. A prática, inclusive a sensual, suscita a teo-

ria, e esta fundamenta a legitima as ações cometidas. O pensamento de Ana Eurídice não apenas é coerente; ele resulta do exercício de uma atividade combativa, mas também estimula um comportamento provocador e inquieto, em permanente luta.

O estilo e o modo de atuar não contradizem o tipo de literatura praticado na época. Antônio Candido, na *Formação da literatura brasileira*,²⁵ descreve o período que separa a estética romântica da arcádica como marcado pela ascensão dos "gêneros públicos", em que se destacam tribunos e sermonistas, colocando em segundo plano os poetas, estes também autores de uma arte mais engajada, envolvida com candentes questões políticas, tais como as que o Brasil experimentava enquanto se transformava em nação autônoma.

No Rio Grande do Sul, os gêneros públicos atraíam particularmente: as décadas de 30 e 40 foram marcadas pela guerra, a Província tendo-se rebelado contra o governo central, mas vivendo a divisão interna, já que nem todos os grupos sociais aderiram unânimes à revolução. Os "Diálogos", datados de 1836-7, foram escritos dentro desse clima, sendo precedidos por uma apresentação, em que a Autora esclarece sua intenção, simultaneamente política e inconformada com o estado das coisas que presenciava:

Em 1837, depois da memorável reação de Porto Alegre, não se ouvia falar senão em partidos, desordens, planos de ataques, de defesas, intrigas políticas, etc. E de tal maneira grassou a mania, que as mesmas senhoras, e até as crianças, já não sabiam outro assunto para os seus entretenimentos.

Principiaram os homens a gritar alta e poderosamente contra as pobres mulheres (que não faziam mais que seguir o seu exemplo) que era muito mal feito o meterem-se elas lá com suas políticas, e não sei o que mais.

Todas nós demos o cavaco com isso; pois que já tínhamos perdido o tino às modas, aos arranjos domésticos: as línguas das comadres já se haviam divergido um pouco da pele do próximo... Adeus conversas. Era para ver o nosso embaraço! Foi quando escrevi os diálogos seguintes, para desabafar.²⁶

Assim, a literatura de idéias estava na ordem do dia, abrindo espaço também para as mulheres exporem seus pontos de vista e imporem suas teses. Ana Euridice faz bom proveito disso, produzindo textos em prosa e poesia afinados com seu tempo, o que confere interesse e atualidade à sua obra.

As circunstâncias, depois, não se repetiram tão facilmente. O Rio Grande prosperou após o término da guerra, alicerçando a economia na criação de gado e na exportação da carne, o que consolidou sua vocação rural e deu margem a uma ideologia centrada na elevação do homem do campo e suas expressões. O mundo urbano enquanto rede de relações e de valores foi deixado de lado, portanto igualmente abandonada uma literatura de idéias e de modificação social. Some-se a isso a introdução do Romantismo, menos politizado e mais voltado à idealização da figura feminina, bem como à busca de representação do tipo nacional, corporificado em heróis indígenas ou regionais.

Esses aspectos não favoreceram a expansão de uma literatura participante, de modo que a poesia de escritoras como Rita Barém de Melo (a Juriti), Amália dos Passos Figueiroa, Revocata dos Passos Figueiroa de Melo, foi obrigada a seguir o cânone vigente, mais escapista e sentimental, localizando o sentimento de exílio, não nas circunstâncias sociais que isolam ou diminuem a mulher, como apresenta Ana Euridice nos textos citados, e sim na intimidade do sujeito, conforme se verifica em Amália Figueiroa:

Estou só - a solidão
Inspira fundos anseios,
Gera não sei que receios,
Diz-nos não sei que tristeza.
Pela tarde a natureza,
Reveste a pálida cor
De tão profunda saudade,
Que os lábios calam os cantos,
Dos olhos rebentam prantos,
E seja qual for a idade,
Qual a quadra e qual o dia,
Envolve-se a alma toda
Num véu de melancolia.²⁷

Isso não significa que intelectuais mais batalhadoras não tenham se manifestado. Luciana de Abreu, igualmente referida por Apolinário Porto Alegre, foi membro ativo da Sociedade Partenon Literário durante a década de 70 e combatente em prol da escolarização e reconhecimento do papel da mulher na sociedade, conforme sugerem as conferências sobre "Educação das mães de família" e "Emancipação da mulher":

Minhas senhoras, permiti que vos lembre a mais possante idéia que o **Partenon Literário** tem abraçado. Já vedes que falo da Instrução, dos direitos, da emancipação da mulher. É que o **Partenon** compreendeu, sem a realização dessa idéia, todas as outras não seriam mais que frases pomposas e elegantes, destinadas a ornarem o vocabulário das línguas; e que só a mulher culta e moral saberia resolver com vantagem os difíceis problemas da instrução universal, do luxo em relação à posição social e pecuniária do indivíduo; e que só ela poderia plantar no coração da mocidade os sãos princípios da ordem na liberdade.²⁸

Atuando no período em que se formam e consolidam a temática e o estilo regionais da literatura sul-rio-grandense, Luciana de Abreu, como antes Ana Euridice, revela que uma outra vertente se constituía, às vezes subterrânea, às vezes emergente. Suas manifestações foram interminantes, mas não menos importantes; sem seu aparecimento e expansão, talvez as melhores vozes da poesia — como Lila Ripoll e Lara de Lemos — e da ficção — como Tania Faillace, Lia Luft e Patrícia Bins — não tivessem tido oportunidade de se afirmar numa sociedade que, ainda no final do século XX, se mede seguidamente pelos padrões fornecidos pela tradição rural.

Notas

¹Taveira Junior, Bernardo. "Rio Grande do Sul". In: —. **Províncias**. Porto Alegre, Movimento; Brasília, MinC/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1986. p.26-7.

- ²Porto Alegre, Apolinário. "Prefácio". In: Maya, Alcides. **O Rio Grande independente**. Porto Alegre, Tipografia da Agência Literária, 1898. p.8-9. Procedemos à atualização da ortografia.
- ³Saint-Hilaire, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821**. Trad. de Leonam de Azevedo Penna. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974. p.38.
- ⁴Id. *ibid.*, p.57.
- ⁵Isabelle, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. de Dante de Laytano. 2.ed. Porto Alegre, Martins, 1983. p. 60. Grifo do autor.
- ⁶Silva, João Pinto da. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1924. p.31. Procedemos à atualização ortográfica.
- ⁷Chaves, Antônio José Gonçalves. **Memória econômico-política sobre a administração pública do Brasil**. Porto Alegre, Companhia União de Seguros Gerais, 1978. p.212.
- ⁸Conforme 'Aurea A. C. Prado, o relatório do Presidente da Província, Manuel Antônio Galvão, "informa que em toda a Província há somente uma aula pública em funcionamento, entre nove, criadas. Não é fácil provê-las, já 'pela falta de pessoas com o preparo preciso', já pela mingua da retribuição material oferecida à função docente." Cf. Prado, 'Aurea A.C. "A formação do professor primário". In: Kremer, Alda Cardoso et alii. **Rio Grande do Sul: terra e povo**. Porto Alegre, Globo, 1969. p.288.
- ⁹Belo, Oliveira. "A instrução e o século". **Revista do Partenon Literário**. Porto Alegre, Imprensa Literária, (1):1-20, jan. 1875. Procedemos à atualização ortográfica.
- ¹⁰Bitencourt, Aurélio V. "O ensino obrigatório". **Revista do Partenon Literário**. Porto Alegre, Imprensa Literária, (4):211-21, maio de 1875. Procedemos à atualização ortográfica.
- ¹¹Paredes, Glodomiro. "Poetas e poesia". In: **Arcádia**, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. Rio Grande, 3ª série, 1869. p.273. Este ensaio está reproduzido em; Baumgarten, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880**. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, 1982.

- 12 Taveira Junior, Bernardo. "Reflexões sobre a literatura rio-grandense". In: *Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. 4ª série, 1869. p.10. Republicado em: Baumgarten, Carlos Alexandre. Op. cit.
- 13 Barreto, Abeillard. **Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Comissão Executiva do Sesquicentário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986. p.169.
- 14 Barandas, Ana Euridice Eufrosina de. **O ramallete**. Estudo biográfico e atualização de texto por Hilda Agner Hübner Flores. 2.ed. Porto Alegre, Nova Dimensão; EDIPUCRS, 1990. p.86.
- 15 Id. *ibid.*, p.84.
- 16 Id. *ibid.*, p.81.
- 17 Diz a protagonista a certa altura: "- Que! - continuou, levantando-se com precipitação. - Já não serei Eugênia de Alencaster? Que fragilidade é esta? Acaso amor mudaria-me a natureza? Eu que, semelhante a Demócrito, zombava de tudo!" (In: Barandas, Ana Euridice Eufrosina de. Op. cit. p.62).
- 18 Id. *ibid.*, p.99.
- 19 Id. *ibid.*, p.101.
- 20 Id. *ibid.*, p.101.
- 21 Id. *ibid.*, p.101.
- 22 Id. *ibid.*, p.102. Grifo da autora.
- 23 Id. *ibid.*, p.109-10.
- 24 Id. *ibid.*, p.110.
- 25 Cf. Candido, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 2v. São Paulo, Martins, 1959.
- 26 Barandas, Ana Euridice Eufrosina de. Op. cit., p.98.

- 27 Figueiroa, Amália dos Passos. "Minh'alma é triste". In: Zilberman, Regina; Silveira, Carmen Consuelo; Baumgarten, Carlos Alexandre. **O Partenon Literário**. Poesia e Prosa. Porto Alegre, Instituto Cultural Português; Escola Superior de Teologia, 1980. p.156.
- 28 Abreu, Luciana de. "Emancipação da mulher". In: _____. **Preleções**. Prefácio, estudo e coletânea de Dante de Laytano. Porto Alegre, Museu Júlio de Castilhos, 1949. p.25.

